AS RELAÇÕES ENTRE OS ALUNOS, INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E O PROFESSOR REGENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE STUDENTS, THE BRAZILIAN SIGNAL LANGUAGE INTERPRETER AND THE REGENT TEACHER IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Epaminondas Rodriguês da Cruz Junior[1]
Clodoaldo Valverde[2]
Vicente Paulo Batista Dalla Déa[3]

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo central desse trabalho é discutir com o leitor a relação do aluno surdo no ambiente escolar. Uma vez que por um longo período foi considerado um ser invisível na sociedade e que agora passa por mudanças de atitude, as quais trouxeram a esse o empoderamento de direitos atenuantes gerando uma quebra de esteriótipicos na sociedade. Esse estudo foi realizado em 03 colégios estaduais no município de Goiânia, composto por um questionário e um roteiro de observação das aulas de Educação Física. Percebeu-se nessa pesquisa que a presença do intérprete de Libras não aconteceu de forma sistematizada nas aulas de Educação Física. Propõe alguns questionamentos acerca do relacionamento dos alunos, professor e intérprete de Libras diante das aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Eísica Escolar; Língua Brasileira de Sinais; tradutor intérprete de Libras.

ABSTRACT:

[1] Graduado em Licenciatura em Educação Física (Centro Universitário Araguaia); Licenciatura em Pedagogia (Faculdade Integradas de Ariquemes); Pós graduado em Libras (FAVENI); Pós graduado em Docência do Ensino Superior e Educação Física Escolar (FAVENI); Pós graduando em Psicomotricidade da Educação Física Escolar (FAVENI); Mestre em Ensino de Ciências (Universidade Estadual de Goiás); Professor da FACMAIS e da UNIP; Email: junior6285119493@gmail.com

[2] Graduado em Direito pela Universidade Paulista, graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Paulista, graduado em Física Licenciatura pela Universidade Federal de Goiás, graduado em Física Bacharelado pela Universidade Federal de Goiás, graduado em Pedagogia pelo IET, possui Mestrado em Física da Matéria Condensada pela Universidade Federal de Goiás, Doutorado em Física Computacional pela Universidade Federal de Goiás e Pós-doutorado em Química Teórica pela Universidade de Brasília. Foi coordenador do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Goiás; Email: phdcv10@gmail.com

[3] Graduado em Educação Física pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Especialização em Pedagogia do Movimento pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. Mestrado profissional em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Email: vicentedalladea@gmail.com

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

This work has the central objective of this work is to discuss with the reader the relationship of the deaf student in the school environment. Since for a long period he was considered an invisible being in society and now undergoes changes in attitude, which brought to him the empowerment of attenuating rights generating a breakdown of stereotypes in society. This study was carried out in 03 state schools in the city of Goiânia, consisting of a questionnaire and a script for observing Physical Education classes. It was noticed in this research that the presence of the Libras interpreter did not happen systematically in Physical Education classes. It proposes some questions about the relationship of students, teacher and Libras interpreter in front of Physical Education classes.

Keywords: School: Physical Education; Brazilian Sign Language; Libras interpreter translator.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), usada por surdos, tem contribuído para a comunicação entre surdos e ouvintes, uma vez que ela estabelece uma ponte no entendimento dos saberes. No Brasil, tem-se registros científicos que mostram seu surgimento com a catequização dos surdos pela Igreja católica desde a colonização. Desde então se percebe um avanço na regulamentação e aceitação como a língua materna do indivíduo surdo (LACERDA, 2001).

A inserção de pessoas com deficiência na sociedade é uma luta de muitos anos. Atualmente identifica-se as deficiências: física/motora, inteletctual e sensorial, sendo esta última dividida entre deficiência visual e cegueira, além da deficiência auditiva e a surdez. O surdo passa a ter maiores conquistas em 2002 com a oficialização da Libras (Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002) (BRASIL, 2002). Somente em 2010 com Lei 12.319 que oficializou-se a profissão do intérprete (BRASIL, 2010).

Quadros (2005) coloca com muita clareza que o profissional intérprete é um mediador das relações que serão construídas na vida de um aluno, no entanto precisa o intérprete ser cauteloso para que não seja antiético em assumir o que não é de sua responsabilidade. Sendo o intérprete um mediador, com isso faz-se necessário que ele considere em sua interpretação contexto sociais, fatores econômicos e o nível cultural que possui cada aluno receptor. Buscar-se-a nessa pesquisa como tem sido desenvolvido o trabalho do intérprete educacional nas aulas de Educação Física.

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

Na busca pela resposta de nossos questionamentos, em relação a Educação Física e Educação, é relevante analisar a colocação de Betti (2005). Esse pesquisador destaca que a Educação Física não é um campo meramente comum, mas um lugar de construção filosófica com objetos que produzam reflexões críticas direcionada pela ação pedagógica.

Esse objeto de estudo tem como questão problematizadora a relação entre intérprete e aluno (surdo) e professor regente, a relação entre aluno (surdo) e professor regente e a relação entre aluno (surdo) e aluno (ouvinte). Foi estudado e será apresentado como essas relações se dão nas aulas de Educação Física sendo este o eixo central desse trabalho, que justifica-se em buscar a resposta à inquietação acerca da possível exclusão de alunos surdos nas aulas de Educação Física.

A relevância social deste trabalho se dá por meio da identificação e valorização do profissional intérprete, assim como o respeito a cultura surda. A relevância se dá ainda ao mostrar ao professor de Educação Física a importância do relacionamento dele com o aluno surdo em suas aulas. O interesse pela temática parte de experiências profissionais que o pesquisador tem acerca do assunto, como intéprete de Libras, durante 16 anos no ensino formal.

Temos como hipóteses que o intérprete não interpreta as aulas de Educação Física, mas faz uso desse horário, várias vezes para momento de estudo ou por pensar que é uma disciplina de interação prática, portanto não interpreta deixando com que o surdo faça-o sozinho.

Também que a presença do intérprete nas aulas de Educação Física é como um elo de interação social de alunos surdos e ouvinte, bem como um estreitamento relacional do professor/aluno/surdo. Por fim que o professor de Educação Física não faz aulas inclusivas como preconiza os Parêmetros Curriculares Nacionais.

Este estudo se caracteriza pelo viés da pesquisa qualitativa ao primar pela valorização da Libras nas aulas de Educação Física, através das análises críticas dos alicerces enucitivos de Gallardo (2009), Betti (1991), Castellani Filho (1994), Coletivo de Autores (1992), Daolio (2006), Darido (2007) e outros.

Com relação aos objetivos específicos buscar-se-a através de questionários e observação de aulas: perceber o relacionamento do intérprete com o professor regente e com os alunos; identificar a atuação do intérprete nas aulas de Educação Física; investigar o relacionamento entre alunos ouvintes/alunos surdos com apoio do intérprete.

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

1 - Educação Física

A Educação Física é a área do conhecimento com o foco na educação corporal. Ainda que muito amplo o conceito de educação é um processo de formação através de uma sequência sistematizada que irá formar o indivíduo para adquirir suas capacidades físicas, intelectuais e morais (GALLARDO, 2009).

A junção das palavras Educação e Física, por longo período histórico reportou-se ao corpo, sofrendo assim influências de diversas áreas (OLIVEIRA, 2011). Castellani Filho (1994) aborda esse momento mostrando as influências vindas das Tendências do Higienismo, do Militarismo, da Pedagogização, Competitivismo ou Esportivismo, Popular e a com as Tendências Sociais.

A busca pelo processo de aprendizagem correto fomentou idéias de vários autores que geraram vertentes epistemológicas, no qual surgiram discussões científicas diversas acerca do processo de ensino e aprendizagem da Educação Física Escolar.

De acordo com Barbieri *et al.* (2008) surgiram, ao longo do tempo, diversas vertentes[4]. Destas se destacam a de Freire (1992). Este educador defende a abordagem construtivista colocando a educação como o meio que se constrói o conhecimento pautado nas experiências sociais e nas experiências motrícicas.

Daolio (2007) coloca a Educação Física como o processo de construção do conhecimento através de aspectos históricos e sociais, sendo eles manifestações corporais humanas. E ainda o Coletivos de Autores (1992) mostra que a Educação Física é o processo de adequação do conhecimento com base na cultura corporal, sendo ela um instrumento de construção do conhecimento crítico. No entanto Kunz (1991) reflete que a Educação Física é o método de ensino sistematizado capaz de provocar em um indivíduo mudanças que emancipe tal a transformar o meio em que vive.

[4] As vertentes epistemológicas citadas por Barbieri *et al* (2008) foram: Aptidão Física/Saúde, por Matsudo no ano de 2000, Construtivista/Interacionista, por Freire em 1989, Crítica Superadora, por Coletivo de Autores em 1992, Crítica Emancipatória, por Kunz em 1994, Cultural/Plural, por Daolio em 1995, Desenvolvimentista, por Tani em 1988, Ensino aberto, por Hildebrandt em 1991, Fenomenológica, por Santim em 2008, Jogos Cooperativos Orlick em 1989, Parâmetros Curriculares Nacionais, por Brasil em 1998, Psicomotricidade, por Freire em 1991, Sistêmica, por Azevedo, e Shignov em 2001 e Sociologica, por Betti em 1991.

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

Diante das diversas visões epistemológicas ainda podemos citar a concepção de educação para Gallardo (2009, p.6).

> São todas as formas de aquisição dos conhecimentos produzidos historicamente que contribuem para a formas institucionalizadas (a escola), seja pelas informais (o dia a dia), possibilitando autonomia e condições de transcedência para esses mesmo indivíduos (GALLARDO, 2009, p.6).

Portanto, a Educação Físíca concebeu os mais variados conceitos que originalizaram de um processo social, cultural, político e econômico. Cada um deixando o seu legado, que diretamente influenciaram as transformações posteriores.

3 – Libras e Educação Física

A Língua Brasileira de Sinais possui diversas compreensões, ora como o português nas mãos, na qual os sinais substituem as palavras, ora como uma linguagem do corpo, ou mesmo como gestos iguais ao das línguas orais. Felipe (1997, p. 48) a conceitua como:

> Uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos (FELIPE, 1997, p.48).

Nas aulas de Educação Física escolar a Libras é de suma importância a inserção de alunos surdos, pois não podemos deixar que tais tenham os seus direitos que anteriormente era vetado, no que diz respeito a participação da aulas de Educação Física. Outro fator relevante é que o movimento corporal é algo que faz parte de sua identidade e cabe ao professor de Educação Física explorar esse campo de ensino.

Para o aluno surdo a construção dos movimentos dentro das aulas de Educação Física é algo que faz parte da sua identidade surda, portanto as práticas corporais estruturadas (atividades práticas que demandam o desenvolvimento da motricidade) farão com que ele absorva com mais facilidade o conteúdo proposto, tendo em vista que a língua materna é pautada em movimentos que descreve os seus anseios.

Outra elemento indispensável para a inserção dos surdos na Educação Física é o intérprete de Libras. A função do intérprete nas aulas de Educação Física é processar as informações dadas de uma determinada língua e fazer escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

apropriadamente possível da informação dada pelo emissor. Assim sendo, o intérprete, também precisa ter conhecimento teórico/técnico para que suas escolhas sejam adequadas a fim de que a comunicação seja estabelecida com sucesso (QUADROS, 2004).

É fundamental que o professor desenvolva uma parceria de trabalho, pois essa parceria faz com que a ação do intérprete seja mais precisa possível. Segundo Tuxi (2009, p.31) “as práticas pedagógicas entre professores que atuam como regentes da turma junto aos intérpretes educacionais, ou professores intérpretes precisam ser revistas”. Em sua visão o intérprete precisa ter formação em licenciatura para que junto com os professores tenha a capacidade de atuar na co-docência, tendo conhecimentos favoráveis para contribuir para no planejamento semanal mensal e até mesmo estar presente nas reuniões de decisões no que tange as ações pedagógicas.

4.1 Material e Métodos

Esse percurso investigativo faz uso de modelo de estudo que usa metodologia e trabalho que consiste em pesquisa na área da Educação Física e Educação, sendo uma pesquisa de campo. Para Gil (2002, p.67) “os estudos de campo apresentam muitas semelhanças com o levantamento”.

A pesquisa qualitativa é um estilo adotado nesse trabalho, pois procura traduzir a relação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser quantificada. (SILVA MENEZES, 2005). Por isto, foi feito uma busca de informações em referências bibliográficas que pautaram a pesquisa de campo em duas instituições públicas estaduais localizadas nos municípios de Goiânia e Aparecida de Goiânia no estado de Goiás, para comprovação ou não da hipótese. Constitui-se, pois, assim uma pesquisa de caráter explicativo e analítico que busca analisar os dados empíricos com base na discussão teórica e conceitual feita durante a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa de campo traz benefícios que Gil (2002) descreve muito bem que é o conhecimento direto da realidade, com rapidez no levantamento e coleta de dados que se poderá mensurar o que o pesquisador busca. Com essa perspectiva foram observadas cinco aulas de cada escola, no período vespertino, do nível fundamental (anos finais) e médio.

Um elemento importante dessa pesquisa foi estabelecer os critérios de inclusão e exclusão de participantes para busca das informações e levantamento dos dados. Os critérios elaborados foram: procurar por instituições inseridas no perfil de escolas

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

que tinham alunos surdos e participantes com mais de um ano em contato com eles. Posteriormente foi entregue à instituição e aos participantes os termos para autorização da pesquisa[5]. O outro passo deu-se com a aplicação de questionário direcionado aos alunos, aos intérpretes e aos professores. Por fim, analisamos os dados obtidos, sistematizando-os por meio deste trabalho.

Assim, foi feito um recorte temporal para a pesquisa de campo (março-maio/2019), sendo uma pesquisa transversal que consiste em pesquisar apenas fatores de um determinado período, com intuito de analisarmos fatos atuais (GIL, 2002).

Para efetivação, portanto, tivemos como procedimentos metodológicos a observação e o uso de questionário semiestruturados. Segundo Gil (2002, p.100) “a observação nada mais é do que o uso de sentidos com vista a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”.

O levantamento dos dados foi feito através de questionário semiestruturados, sendo entrevistados quatro professores regentes de Educação Física, cinco intérpretes de Libras, quatro alunos surdos e sete alunos ouvintes. Esse instrumento de coleta de dados para a pesquisa científica é argumentado por Gil (2002) como sendo de grande importância, pois é uma das maneiras de nos aproximar da realidade pesquisada.

A construção de um questionário consiste em traduzir os objetivos da pesquisa (GIL, 2008). De acordo com o problema aplicou-se um questionário com perguntas mistas para verificação e comprovação da hipótese. O uso de questionário é motivado para a busca de questões sobre os fatos, atitudes, comportamentos e padrões de ações do comportamento. Gil (2002) encoraja a questionar tais fatos, pois eles fazem parte de uma construção social do indivíduo. Portanto, foi aplicado o questionário com o professor, com o intérprete de Libras e com os alunos. Nessa pesquisa o foco foi observar de forma sistemática a integração desses sujeitos no ambiente escolar. Outra análise que se realizou foi acerca da ação do intérprete como um mediador, nas aulas de Educação Física.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

[5] Os termos entregues foram: Termo de apresentação e autorização da pesquisa, Termo de consentimento livre e esclarecimento.

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

Para melhor entendimento e discussão dos resultados obtidos, este trabalho terá a seguinte divisão: Intérprete de Libras, o professor de Educação Física, o aluno surdo e o aluno ouvinte. Consideramos, para melhor entendimento do texto, os sujeitos a partir das categorias mencionadas. Assim, no primeiro item os sujeitos não serão identificados mais denominados de I1, I2, I3, I4 e I5, totalizando cinco intérpretes. Utilizaremos os mesmos procedimentos para as outras categorias, sendo: P1 e P2, para os professores regentes, AS para os alunos surdos e AO para os alunos ouvintes.

5.1 - Intérprete de Libras

Iniciamos essa discussão com a pergunta feita ao intérprete de Libras: qual a sua formação e em qual instituição? Com esta pergunta chega-se a uma questão que é deixada em aberto pelo Decreto 5.626/15: a atuação de intérprete que não é licenciado, mas que tenha capacidades para exercer a função.

> Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil: I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior; II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental; (BRASIL, 2015).

Devido à falta de profissionais a exigência de que o intérprete seja graduado ainda não tem acontecido, no entanto é perceptível que os profissionais estão se qualificando cada vez mais. O I2 que ainda é graduando deixa a observação em seu questionário sobre a importância da formação superior para o intérprete de Libras. Para ele, ainda existe alguns intérpretes que estão acomodados no que diz respeito ao Ensino Superior.

Na segunda e na terceira pergunta direcionado ao intérprete acerca da pós-graduação e do Pro-Libras percebemos que os mesmos sujeitos que qualificam-se na graduação, deram continuidade ao processo de qualificação profissional com a pós graduação, mas a busca pela qualificação como profissional faz desses não dar tanta importância para o exame de Proficiência no uso da Libras, uma realidade diferente

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

que encontramos no I1 que após o ensino médio com o conhecimento da Libras fez o exame e agora qualificado deixa a formação superior em segundo plano.

Na quarta pergunta foi abordado o tempo de trabalho e percebeu-se que muitos trabalham na área há pouco tempo, no entanto na rede da educação já há mais tempo, pois muitos profissionais estão migrando para outras áreas, por conta da facilidade de trabalho. Outro fator é que muitos profissionais são contratados temporariamente e no prazo de três anos são substituídos por outros, gerando a falta de continuidade.

Quando perguntado se os sujeitos fazem outros cursos dentro da temática de pessoas com deficiência, foi constatado que a busca pelas informações acerca de outras deficiências existe. Assim também, na sétima pergunta foi percebido que as instituições entendem a necessidade da formação continuada.

Na sexta pergunta que abordamos acerca da comunicação dos professores regentes e o aluno todos concordaram que a comunicação entre eles com o uso da Libras é importante, no entanto quando realizado a observação das aulas foi notado que a presença do intérprete nas aulas de Educação Física acontece apenas no início das aulas, para alguns somente dentro da sala de aula, os mesmos não acompanham o aluno nas aulas práticas.

O Intérprete Educacional tem como função interpretar as aulas e os eventos que acontecem no ambiente escolar. Segundo a Lei 12.319/10 que regulamenta a profissão do intérprete educacional cabe a ele as seguintes funções:

> Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:
> I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa; II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares; III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos; IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.
> Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:
> I - pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida; II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero; III - pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir; IV - pelas postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional; V - pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

> econômica daqueles que dele necessitem; VI - pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda. (BRASIL, 2010)

A ausência deste nas aulas de Educação Física traz prejuízos na comunicação, para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que a comunicação é um dos elementos que compõe a construção da identidade de um indivíduo. No entanto, outro fator observado para que o intérprete não esteja nas aulas de Educação Física foi que a grande maioria de professores de Educação Física não dão o significado as suas aulas práticas, não usam metodologias que façam com que o aluno entenda a importância da Educação Física escolar.

Outro item destacado pelo intérprete acerca de sua relação com o aluno surdo foi uma relação de amizade. A amizade entre pessoas é um instrumento da construção da identidade, nela trocamos experiências, conhecimentos e estabelecemos um vínculo de confiança. Para Freire (1987) nós somos produtos do meio, seres sociáveis que aprende com a interação, a relação de amizade contribuirá para a vida e para a aprendizagem com os meios, pois foi encontrado uma pessoa que entende a sua cultura e sabe partilhar das coisas sociais de maneira respeitosa e significativa.

Na nona pergunta, foi apresentada a opinião do intérprete de Libras, acerca de sua atuação nas aulas de Educação Física. O I1 coloca que é importante somente no momento de ensino de temas específicos e também para algumas idades, mas a disciplina de Educação Física assim como colocada pelo I3 é uma como as demais, portanto seja em temas específicos ou não, seja em aula teórica ou prática.

O I5 que vê a atuação do intérprete apenas nas aulas teóricas comete o mesmo equívoco, pois a presença do intérprete nas aulas de Educação Física precisa acontecer. A comunicação estabelecida em uma aula não vem somente no âmbito professor aluno, mas também aluno *x* aluno que irá estabelecer uma relação entre surdos e ouvintes. A brincadeira nas aulas de Educação Física é um conteúdo que quando não trabalhado pelo professor de Educação Física poderá perder o sentido na aula.

A colocação do I2 é que “pode haver melhorias tanto da parte do intérprete quando do professor regente”. Na observação de aula foi constatado que esse sujeito não tem um bom relacionamento com o aluno, isso pode ser percebido no momento de aula onde a professora deu uma determinada ordem ao aluno e o mesmo desfez a ordem do professor e ainda assim o aluno não atendeu a sua ordem. Isto mostra um problema que tem gerado outro problema no ambiente escolar, ou seja, no que diz

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

respeito ao professor regente, em pensar que o aluno surdo é aluno do intérprete e não dá a devida atenção, gerando assim a perda do professor como referência, que é a pessoa capacitada para direcionar as ações dentro de sua disciplina.

Dentro da nona o I4 diz: “não conheço a atuação do intérprete de Libras nessa disciplina”. A inserção do aluno surdo no ambiente escolar, gera a profissão do intérprete educacional. A atuação do intérprete educacional é de interpretar as aulas e eventos que são desenvolvidos no ambiente escolar. Segundo o código de ética do intérprete, ele atua em qualquer ambiente, que tenha a necessidade da comunicação através da Libras. Tuxi (2009) apresenta a atuação do intérprete como um estabelecedor do direito de conhecimento acerca do mundo da pessoa com deficiência auditiva ou surdez. Assim sendo, a atuação do intérprete nas aulas de Educação Física precisa ser de um mediador da comunicação, de um instrumento que estabelece a interação da cultura ouvinte com a cultura do surdo.

Na décima segunda direcionada aos intérpretes foi apresentado os dados de como é estar na posição deles acerca da relação aluno surdo *x* aluno ouvinte. Para os intérpretes I1 “tem um bom relacionamento”, para I2 “agradável”, I3 “Os alunos tem um bom relacionamento”, I4 “boa interação”, I5 “entre as crianças a comunicação existente”.

Correlacionando as respostas com as observações das aulas de Educação Física, pode-se constatar que o aluno ouvinte procura saber como comunicar-se com aluno surdo, busca aprender a língua, aceita a presença do aluno surdo, tem uma boa interação, faz de tudo para comunicar-se, mas mais uma vez, sente a necessidade de buscar no intérprete com sinalizar uma determinada coisa. Comprovando a real existência do intérprete no processo de interação e socialização do aluno surdo.

Na décima terceira pergunta ao intérprete foi identificado a relação do mesmo com o professor regente. I1 “até hoje não tive nenhuma dificuldade”,I2 “depende do profissional”, I3 “nos damos muito bem”, I4 “Satisfatória”, I5 “difícil, a maioria dos professores veem o intérprete como fiscal”.

A inserção do intérprete educacional, ainda para muitos é tida como um elemento estranho dentro da sala de aula. A interação do intérprete com o professor é uma caminho para chegar ao principal objetivo, que é a transmissão do conhecimento para o aluno. O intérprete educacional é a ponte entre o aluno e o professor, portanto é preciso que as relações entre professor *x* intérprete sejam harmoniosas, para que consigam através da didática alcançar o aluno. Saber a responsabilidade de cada um

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

é outro fator predominante no relacionamento entre eles, pois a grande maioria dos professores regentes deixam o aluno surdo sobre a responsabilidade do intérprete.

Tuxi (2009) discorre acerca da atuação do intérprete no ambiente educacional e coloca em discussão que a pessoa do intérprete precisa ser um profissional qualificado, que tenha a capacidade de realizar junto ao professor estratégias de ensino que alcance o aluno com surdez, pois o mesmo é um colaborador do processo de ensino e aprendizagem. Ao exercer essa função o intérprete deixa de ser apenas um mediador da comunicação, passando agora para um construtor de conhecimento junto com o professor regente.

5.2 - O Professor de Educação Física

Ao analisar os dados coletados dos professores percebe-se a continuidade dos graduados em qualificar-se mais para atuarem no ambiente escolar, são professores pós-graduados que buscam o mestrado.

Ainda comparando os dados do professor regente é constatado que o mesmo tem qualificação para a sua atuação como profissional no entanto segundo as observações de aula, o professor de Educação Física encontra-se me um momento de crise diante de um processo tecnológicos que tem invadido as aulas de Educação Física. Para Finck (2011) a Educação Física tem passado por momento de crise da identidade, acarretando questionamentos acerca dos objetivos, conteúdos, métodos e avaliação. Com isto alunos e outros, não conseguem entender a importância da Educação Física Escolar. Este fator tem gerado questionamentos e desvalorização da área, deixando até mesmo de existir em algumas escolas privadas.

Segundo Góes (2002, p. 42-43) a comunicação e interação sobre conhecimentos e experiências andam sempre juntas. A ausência da comunicação “[...] consome os esforços de interlocução, para instituir-se, ou constituir-se ela própria, de maneira que a elaboração de conhecimentos pretendida (pela intencionalidade pedagógica) realiza-se de forma muito limitada quando (a duras penas) se realiza”.

Tendo em vista que o processo da aquisição da linguagem de grande parte dos surdos é realizado de forma tardia, importante se faz que através da interação com as aulas de Educação Física que é uma área de expressão da linguagem, seja aproveitada para a valorização da comunicação do indivíduo surdo, assim como também para ampliação do conhecimento lexical dentro da Libras.

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

A condição de não convivência com o outro e a falta de domínio da língua de sinais são sinalizados por Góes (2000, p. 42) quando relata:

> Para o surdo os fatores de diluição dos sinais numa gestalt de realizações linguísticas e o seu envolvimento com as dificuldades, afetam a significação de si, pois de um lado a língua de sinais não se configura plenamente como uma das marcas de sua identidade e de outro lado, ela não é dominada o suficiente fazendo com que as dificuldades de compreensão e negociação levem a um reconhecimento de si como participante pouco capaz de acontecimentos dialógicos.

Com tudo isso, a ausência do intérprete nas aulas de Educação Física é inadmissível, pois sua ausência priva o aluno do direito que lhe é garantido pela Lei 13.146/15 que rege

> Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Outro fator que foi constatado foi que sendo o professor a referência de aprendizagem do aluno, faz-se necessário que o mesmo tenha um conhecimento mínimo para que ele estabeleça o relacionamento com o aluno surdo, isso dá-se pelo fato de que os intérpretes quando perguntados acerca da relação com o aluno surdo,

Na oitava pergunta, eles mostraram uma relação na qual o professor é que tem a responsabilidade de ensinar o aluno, no entanto essa responsabilidade é do professor regente, que é o que possui a graduação na sua especificidade e não o intérprete que às vezes tem apenas o ensino médio.

Ainda que para muitos professores a atuação e as atribuições do intérprete educacional não estejam claras é preciso atentar para Damázio (2007) que coloca muito bem que o intérprete educacional é um mediador da comunicação, portanto ainda que se tenha o intérprete isso não é garantia de que o aluno irá aprender o conteúdo.

Ao observar algumas aulas foi percebido que a brincadeira nas aulas, por alguns professores tem tido o foco em: socialização, interação, construção do respeito. No entanto, em outros o professor tem-se aproveitado da temática e deixado a turma realizar brincadeiras sem sentido e objetivo. Ainda nas duas realidades a presença do intérprete nas aulas de Educação Física é para que a barreira da comunicação seja transposta. O uso de jogos e brincadeiras tem como o objetivo do desenvolvimento do lúdico. Para o surdo que é visual pode ser que o entendimento não aconteça sem

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

a presença do intérprete para atualiza-lo do que está acontecendo na aula. Portanto, seja na relação com o aluno ou na relação com o professor o intérprete é um mediador da comunicação do aluno surdo.

A inserção da Educação Especial e Inclusiva é algo garantido por lei. Fazer adaptações curriculares irá proporcionar um acesso ao meio social, cultural, econômico de um determinado lugar e tempo. Segundo a Resolução Conselho Nacional da Educação/Câmara de Educação Básica n.02 de 11 de setembro de 2001 a educação inclusiva vem acompanhada de:

> Art. 8º As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: III – flexibilizações e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola, respeitada a frequência obrigatória (CNE, 2001).

Ao analisarmos os dados coletados perceberemos que muitos são os professores que não dão a devida atenção às adaptações curriculares, mas o fato é que essas precisam acontecer. As adaptações curriculares são ajustes ou modificações na metodologia e na didática para que alcance o aluno com deficiência da turma. Essas podem serem de grande porte ou de pequeno porte, o mais importante é que essas garantam aos alunos o acesso ao currículo, a participação integral, as adaptações de conteúdo, adequações dos objetivos, a maneira de ensinar, a forma de avaliar e o respeito as limitações físicas e psicossocial dos alunos.

Portanto as adaptações promoveram a interação entre professor e aluno é algo que faz parte do processo de ensino e aprendizagem, Libâneo (1994, p. 251) coloca que:

> Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula, o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula.

A partir do momento em o professor entende que a interação faz parte do processo, o resultado será a interação do indivíduo com o processo. Caso isso não aconteça, será percebido que o aluno não terá interesse nenhum pelas aulas de Educação Física. A comunicação através da Libras usando a pessoa do intérprete ou

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

não, é uma das maneira de estabelecer a interação e também, de dar ao comunicador a oportunidade de expressar as suas vontades, anseios, indignação e opinião, assim o professor realizará a avaliação da aquisição do conhecimento transmitido.

5.3 - O Aluno Surdo

Segundo os dados coletados da primeira pergunta o professor regente pouco se envolve com os alunos surdos nas aulas de Educação Física, reiterando as colocações já apresentada pelo intérprete educacional, de que o professor regente coloca sobre a responsabilidade do intérprete educacional o processo de ensino e aprendizagem.

Uma questão que se apresenta com muita seriedade na segunda pergunta é acerca da aceitação da Libras pelo professor regente, pois na visão do aluno surdo a aceitação é ineficiente e a mesma irá gerar problemas no processo de ensino e aprendizagem, portanto cabe ao professor regente entender que quando aceita a língua, aceita-se o aluno.

Segundo Tuxi (2009, p.31) “as práticas pedagógicas entre professores que atuam como regentes da turma junto aos intérpretes educacionais, ou professores intérpretes precisam ser revistas”. Faz-se necessário que se desenvolva uma trabalho de parceria, onde o intérprete tenha como planejar junto com o professor, ou no mínimo que tenha acesso ao planejamento do professor.

Ainda que se tenha a dificuldade de aceitação da Libras pelo professor regente, na terceira pergunta os alunos mostraram que tem um relacionamento melhor com o professor regente, do que com o intérprete de Libras. Segundo dados observados a ausência do intérprete tem provocado no aluno surdo uma concepção de que o professor regente não aceita a Libras, pois o mesmo não sabe comunicar-se com o aluno.

A ausência da comunicação é mostrada novamente na quarta pergunta quando questionado acerca do entendimento das orientações das aulas. Constatamos que os alunos não têm de maneira integral a presença do intérprete nas aulas de Educação Física, mas ela é importante para que o aluno estabeleça relação com todos. A sua ausência fará com que o aluno não entenda o que o professor está orientando e trará um desgaste no relacionamento entre professor e aluno.

A ausência do intérprete nas aulas de Educação Física tem gerado consequências. Na quinta pergunta foi questionado acerca da importância do

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

intérprete de Libras nas aulas de Educação Física e na sexta pergunta foi interrogado se o intérprete é um facilitador na comunicação das aulas de Educação Física. Segundo os dados coletados os alunos não conseguem visualizar a sua atuação nas aulas de Educação Física, isso dado pela sua ausência nas aulas.

Para Damazio (2007) a presença do intérprete é a construção de uma mediador entre ouvintes e surdos, portanto a sua ausência levará a problemas comunicacionais. Segundo a observação realizada das aulas de Educação Física foi percebido que o professor por várias vezes passava o comando aos alunos e o aluno surdo ficava perdido por não entender o que estava acontecendo. Outro fato percebido foi com o aluno surdo que usava aparelho, mas não entendia o que o professor falava, pois estava muito distante dele e não conseguia ler os lábios do professor.

Na visão do aluno surdo o relacionamento com o professor regente e com os alunos ouvintes seguem em uma crescente significativa, mas com o intérprete foi constatado que as relações são apenas em aulas teóricas e não práticas. Tal diferença mostra-nos que o intérprete precisa aproximar-se mais do aluno surdo nas aulas de Educação Física, para que assim a aluno venha entender a sua importância no processo.

A relação entre alunos faz parte da construção da identidade de cada indivíduo, pois através do contato entre o certo e o errado ele fará a suas escolhas e entenderá que as escolhas feitas lhe trarão consequências. O envolvimento de todos no processo de ensino e aprendizagem, despertará em cada um o sentimento de responsabilidade social, trazendo consigo benefícios na interação social.

5.4 - O Aluno Ouvinte

A relação do aluno ouvinte com o aluno surdo segue em crescente pautada pela troca de experiências e conhecimento de linguagem. Percebeu-se com a coleta dos dados que os alunos estão tendo contato com o surdo e esse tem sido um facilitador da construção de pensamentos igualitários. Foi perguntado aos alunos se eles tem conhecimento da Libras e momento encontramos um conhecimento básico dessa língua nesses sujeitos, conhecimentos esses oriundos do contato com o aluno surdo e do relacionamento com o intérprete de Libras.

Posteriormente, foi perguntado se os alunos consideravam importante saber a Libras e eles responderam que é importante. Esse dado mostra-nos que a inclusão do aluno surdo nas aulas de Educação Física não está somente na presença do

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

intérprete de Libras, mas na promoção do conhecimento da Libras levantada pelo intérprete educacional, sendo isso uma de suas atribuições enquanto profissional.

O intérprete educacional visando acabar com a exclusão do aluno surdo no ambiente educacional precisa promover a divulgação do conhecimento da Libras. Essa construção do conhecimento da Libras, promoverá o rompimento das barreiras comunicacionais que interferem no relacionamento entre os alunos, pois segundo os dados coletados a única dificuldade encontrada na relação entre os alunos foi a comunicação.

Sassaki (2009) faz uma discussão acerca das barreiras da acessibilidade que é de suma importância para essa pesquisa. Dentre as barreiras colocadas pelo autor, as barreiras arquitetônicas, metodológica, instrumental, programática, atitudinal e comunicacional, a barreira comunicacional somente será rompida a partir da promoção do conhecimento da linguagem, pois esse acesso causará a participação do aluno surdo nas aulas de Educação Física.

Outro fator em destaque é percebido pela valorização dada pelo aluno ouvinte acerca da presença do intérprete no processo de ensino e aprendizagem das aulas de Educação Física, assim sendo uma preocupação social em saber se um determinado sujeito tem sido atendido. Quando perguntado ao aluno ouvinte se ele via o intérprete como um mediador, foi constatado que sim. No entanto foi encontrado dois sujeitos que não conseguiram perceber a sua importância nas aulas de Educação Física. Em busca da resposta na observação das aulas foi constatado que os alunos que responderam que não conseguiam perceber a atuação do intérprete nas aulas de Educação Física. São alunos que estão ao lado de alunos surdos oralizado, que não tem problema na comunicação por terem a prática de leitura labial que é uma prática oriunda da vertente epistemológica da Comunicação Total.

Comparando os dados coletados do professor regente, alunos e intérprete de Libras, pode-se constatar que a um lacuna aberta acerca das relações no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, somos levados a acreditar que a relação dos alunos, professores e intérpretes de Libras, acontece de maneira turbulenta. Diante da hipótese colocada foi constado que a presença do intérprete de Libras nas aulas

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

de Educação Física somente acontece quando é aula teórica. Dessa forma ele deixa de ser o elo de interação social no ambiente escolar. Constatamos também, que sendo o intérprete o mediador da comunicação, a sua presença é imprescindível nas aulas de Educação Física, pois a comunicação é instrumento utilizado pelo professor para interagir com o aluno surdo possibilitando a troca de informações, assim como, auxiliando na produção de conhecimento crítico e na construção da identidade pessoal e social.

Com relação aos resultados dos dados coletados acerca do aluno surdo foi percebido que ele não tem a presença do intérprete por tempo integral, pois o mesmo ainda não entendeu as suas contribuições nas aulas de Educação Física.

Quanto a relação do aluno surdo com o intérprete foi constatado ele tem o intérprete dentro da sala de aula no entanto nas aulas práticas sua ausência é percebida. A relação com o professor regente é boa, mas muitos enfrentam a dificuldade na comunicação devido o professor não saber a Libras.

O aluno surdo e o ouvinte se relacionam com tranquilidade, mas ainda enfrenta preconceito de muitos, sentimento de pena de outros e outros que aprendem a Libras com ele, pois entendem a importância da comunicação.

O aluno ouvinte tem um bom relacionamento com o aluno surdo, sente a ausência do intérprete nas aulas de Educação Física e entende a dificuldade que o professor regente tem com o aluno surdo como a falta do conhecimento da Libras.

O professor regente tem um bom relacionamento com o aluno surdo, mas tem dificuldade de comunicar-se com o mesmo. Essa dificuldade dar-se pela ausência do intérprete nas aulas de Educação Física e pela falta de conhecimento da língua. O relacionamento com o intérprete não é bom, pois eles não entendem o papel de ambos no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo.

Pela discussão e pela relevância social desse trabalho esperamos incentivar mais pessoas para pensar nessa temática como objetivo de incluir essa população sem que haja barreiras na sua inclusão.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, A.; PORELLI, A. G.; MELLO, R. **Abordagens, Concepções e Perspectivas de Educação Física Quanto à Metodologia de Ensino.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) em 2009. Revista Motrivivência, v. 20, n. 31, p. 223-240, dez. 2008.

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

BETTI, M**. Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, 2005.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. 4ª Edição. Campinas, SP -Papirus, 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLL,C. *et al*. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento Educacional Especializado**: Pessoa com Surdez. Brasília: SEESP/MEC, 2007.

DAOLIO, J. **Sobre crenças e descredenciamentos**. Centro Esportivo Virtual, Biblioteca, Artigos, 2006. Disponível em: http://cev.org.br. Acesso: 25/04/2016.

DARIDO, S. C. **Para ensinar educação física:** Possibilidades da intervenção na escola. Campinas, SP: Papirus, 2007.

FELIPE, T. A, MONTEIRO, M.S. **LIBRAS EM CONTEXTO:** curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FERREIRA, H.S. **Apostila para concurso de professores de Educação Física SD3: Tendências da Educação Física**. Trabalho não publicado. Fortaleza, 2009.

FINCK, S. C. M. **A Educação Física e o esporte na escola:** cotidiano, saberes e formação. 2ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

FREIRE, J. B**. Educação de corpo inteiro.** São Paulo, 3 ed., Scipione, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLARDO, José Sergio Pérez. **Prática de ensino em Educação Física:** a criança em movimento. 1.ed. São Paulo: FTD, 2009.

GÓES, M. C. R. **Com quem as crianças surdas dialogam em Sinais?** In: LACERDA, C. B. F.; GÓES, M. C. R. (Orgs.) Surdez: Processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000. p. 29-49.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação.** 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

LACERDA, C. B. F. de – **A criança surda e a língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes** - Relatório Final FAPESP Proc. nº 98/02861-1, 2000a.

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991

_____. **O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes:** problematizando a questão, in Lacerda, C.B.F. de e Góes, M.C.R. de (orgs.) Surdez: Processo Educativos e Subjetividade. São Paulo: Editora Lovise, 2000b.

_____. **O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental:** refletindo sobre limites e possibilidades in LODI, A. C. E Cols. Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

OLIVEIRA, V. M. de. O que é educação física. 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. São Paulo 2002QUADROS. R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2005.

QUADROS. R. M. de. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SASSAKI, R.K. **Inclusão**: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, p. 10-16, Ano XII, mar./abr. 2009. Acesso: 20 de maio de 2016.

SEESP. MEC. **Saberes e Práticas da inclusão:** Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

TANI, G. *et al*. **Educação Física escolar:** fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU; Edusp, 1988.

TUXI, P. **A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre. Artes Médicas Sul 1998.

REVISTA MAIS PALMEIRAS DE GOIÁS

ISSN 3086-7991